

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i22.41872>

Artigo recebido em: 06/02/2022  
Artigo aprovado em: 28/06/2022  
Artigo publicado em: 19/09/2022

## O DIÁLOGO COMO UMA FORÇA TRANSFORMADORA NO JOGO DA LINGUAGEM

### DIALOGUE AS A TRANSFORMING FORCE IN THE LANGUAGE GAME

*Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos*<sup>1</sup>  
([renataadrianuneb11@gmail.com](mailto:renataadrianuneb11@gmail.com))

**Resumo:** Buscamos discutir o potencial do diálogo, como uma força transformadora, para dinamização das relações intersubjetivas, de acordo com a filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. Neste sentido, relacionamos essa prática comunicativa ao modelo estruturante do jogo, conforme a abordagem gadameriana. Ancoramos as análises, principalmente, nos seguintes escritos desse filósofo: Verdade e Método I (2015); Verdade e Método II (2011); Hermenêutica em Retrospectiva (2007); Elogio da Teoria (2001). Problematizamos a efetividade da força do diálogo, frente à incapacidade de desenvolvimento dessa prática comunicacional, em nossos dias. Argumentamos que, o diálogo segue o curso do jogo da linguagem e, neste sentido, os sujeitos, partícipes desse movimento, devem intencionar alcançar o entendimento mútuo. Com base nas análises, a força que subjaz o diálogo pode possibilitar redimensionamentos na relação eu-tu-mundo, perspectiva contributiva para reflexão de caminhos viáveis para a superação de conflitos, assim como estreitamento de vínculos sociais.

**Palavras-chave:** Gadamer. Hermenêutica. Diálogo. Força Transformadora. Jogo da Linguagem.

**Abstract:** We seek to discuss the potential of dialogue, as a transforming force, to dynamize intersubjective relationships, according to the hermeneutic philosophy of Hans-Georg Gadamer. In this sense, we relate this communicative practice to the structuring model of the game, according to the Gadamerian approach. We anchor the analysis, mainly, in the following writings of this philosopher: Truth and Method I (2015); Truth and Method II (2011); Hermeneutics in Retrospect (2007); Praise of Theory (2001). We question the effectiveness of the force of dialogue, in the face of the inability to develop this communicational practice, in our days. We argue that the dialogue follows the course of the language game and, in this sense, the subjects, participants of this movement, must intend to reach mutual understanding. Based on the analyses, the strength that underlies the dialogue can make it possible to resize the I-you-world relationship, a contributory perspective for reflecting on viable ways to overcome conflicts, as well as strengthening social bonds.

**Keywords:** Gadamer. hermeneutics. Dialogue. Transformative Force. Language game.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestra em Educação pelo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Licenciada em Pedagogia pela mesma instituição.  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5894227827439752>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5596-6414>.



## 1 O DIÁLOGO COMO FIO CONDUTOR DA DISCUSSÃO

Buscamos discutir o potencial do diálogo para a dinamização das relações intersubjetivas, de acordo com a filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. Para este importante hermenêuta: “O diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós em que nos transformou” (GADAMER, 2011, p. 247).

Partimos da premissa que, embora o diálogo apresente um potencial para a dinamização das relações humanas, a incapacidade para a abertura dessa prática comunicacional vem se apresentando como um fenômeno crescente em nossa sociedade, de modo a impactar diretamente nas relações humanas, em diferentes espaços da convivência social.

Logo, importa refletir sobre algumas questões centrais: O que é essa força transformadora que qualifica o diálogo e como pode ser entendida a partir do modelo do jogo, na perspectiva de Gadamer? Qual é o potencial dessa força para o redimensionamento da relação eu-tu-mundo, se os resultados do diálogo “ninguém pode saber de antemão”? (GADAMER, 2015, p. 487).

70

Nesta intenção, relacionamos o diálogo e a sua efetividade ao modelo estruturante do jogo, “como realização do movimento como tal” (GADAMER, 2015, p. 156, 157), por se aplicar à análise da linguagem humana. Ancoramos as reflexões na hermenêutica filosófica gadameriana pelos seguintes motivos: pressupõe a discussão de um assunto sobre “Um *médium* da linguagem” (GADAMER, 2015, p.499); possibilita a existência de uma unidade entre ser humano e mundo; considera que o diálogo é a base do entendimento hermenêutico, por meio do qual podemos “[...] pensar o comum, isto é, conceitos comuns [...] pelos quais se torna possível a convivência humana” (2011, p. 174); admite que “a linguagem se forma em cada diálogo de maneira nova” (GADAMER, 2007, p. 80).

Para o desenvolvimento das análises, utilizamos, principalmente, os escritos de Gadamer: *Verdade e Método I* (2015); *Verdade e Método II* (2011); *Hermenêutica em Retrospectiva* (2007); *Elogio da Teoria* (2001). A organização das argumentações está disposta da seguinte maneira: *A incapacidade para o diálogo, uma força contrária*, seção na qual abordamos possíveis causas e implicações desse problema comunicacional para a vida em sociedade. Em sequência, analisamos: *O diálogo como uma força transformadora*, ponto central das reflexões no qual exploramos o potencial do diálogo e sua efetividade no jogo da linguagem. Em vias finais, apresentamos *Novas perspectivas, o mesmo fio condutor e considerações conclusivas*, ponto em que refletimos a respeito de alguns possíveis impactos do diálogo na relação eu-tu-mundo.



Sendo o problema da compreensão humana discutido na filosofia hermenêutica gadameriana, em “conexão com a situação política e social do mundo e do agravamento das tensões que perpassam à atualidade” (2011, p. 216), remetemos os leitores as próximas linhas de discussão, como propostas neste texto.

## **2 A INCAPACIDADE PARA O DIÁLOGO, UMA FORÇA CONTRÁRIA**

A incapacidade para o diálogo diz respeito ao fechamento da “possibilidade de alguém abrir-se para o outro e encontrar nesse outro uma abertura para que o fio da conversa possa fluir livremente” (GADAMER, 2011, p. 244). Sendo assim, se constitui em uma força contrária à fluidez das relações humanas, cuja prevalência produz ou fomenta distanciamentos entre indivíduos, reverberando, por vezes, em conflitos; se fortalece nas e pelas condutas sociais que evidenciam o utilitarismo nas relações humanas, quando o outro é considerado como um objeto. As causas e os impactos dessa incapacidade são problematizados por Gadamer:

71

Na vida social de nossa época não estamos atingindo uma monologização crescente do comportamento humano? Será um fenômeno típico de nossa civilização que acompanha o modo de pensar técnico científico? Ou será que experiências específicas de auto-alienação e de isolamento presentes no mundo moderno é que fazem os mais jovens se calar? Ou será ainda que o que se tem chamado de incapacidade para o diálogo não é propriamente a decisão de recusar a vontade de entendimento e uma mordaz rebelião contra o pseudo-entendimento dominante na vida pública? (GADAMER, 2011, pp.207-208)

Ao discutir o problema da comunicação humana, Gadamer (2011, p. 216) expõe: “Nos últimos anos, o problema da compreensão foi adquirindo cada vez mais atualidade [...]”, de forma abrangente vem afetando na vida social, tanto que: “por toda a parte constata-se que as tentativas de entendimento entre as áreas, as nações, os blocos, as gerações fracassam porque parece faltar uma linguagem comum [...]” (GADAMER, 2011, p. 216).

Como tendência, a incapacidade desfavorece o processo de escuta e tessitura das argumentações, de modo a alargar a distância social, causando estranhamentos e diversos problemas da mesma natureza. Por isso, não pode ser considerada como um fenômeno aleatório, sem causas e consequências que o fundamentem, desde quando existem processos que contribuem para que essa força contrária se finque como um comportamento típico de muitos indivíduos, neste tempo.



Reflitamos a respeito de alguns desses fundamentos: A sociedade vem sendo impactada por mudanças técnicas e científicas, as quais trouxeram novos meios de difusão e aquisição de informações, processo que favoreceu a otimização concernente ao uso do tempo e consequente aumento de produtividade, sobretudo no contexto do mundo do trabalho (GADAMER, 2011, p. 245), de maneira que: por um lado, há diversificação dos meios comunicacionais e ampliação das possibilidades de estreitamento de vínculos e acesso à informação etc.; por outro, a capacidade para estabelecer uma relação comunicacional fluida, entre as pessoas, apresenta sinalizações de desgastes na sociedade, questão relacionada a forma de uso, ressaltamos.

Ante a sua prevalência, a incapacidade para dialogar tem se constituído em uma tendência social, pois, a capacidade para dialogar está desaparecendo em nosso tempo, entretanto não se trata do “único fenômeno comunicativo em desaparecimento de que temos conhecimento” (GADAMER, 2011, p. 245). Analisando essa questão, o filósofo apresenta o exemplo da carta como meio de comunicação obsoleto: “Os grandes escritores epistolares do século XVII e XVIII são coisa do passado” (GADAMER, 2011, p. 245). Então, há processos históricos que vem provocando transformações, que envolvem a linguagem humana e incidem nas relações sociais.

72

Ainda, em reflexão quanto aos impactos das mudanças sobre a vida humana, para Gadamer (1983, p. 19, 20): “Cada vez são mais numerosos os âmbitos de nossa vida que se submetem às formas coatoras de processos automáticos e cada vez menos, o próprio homem e seu espírito se reconhecem nestas objetivações do espírito”. Logo, não se trata apenas de considerarmos como os meios de comunicação e informação vêm possibilitando aproximação entre pessoas, aquisição de informação etc., mas, principalmente, diz respeito a forma de uso, que aponta para impactos que podem ser sentidos em nosso modo de vida. Dentro desse debate, sobressaem problemas relacionais, que afetam diretamente o tecido social, como podemos perceber nas expressões típicas de desvalorização da cultura do outro, inclusive nos ambientes virtuais.

Em qualquer que seja o ambiente, na tessitura das relações humanas pode se apresentar obstrução dos canais comunicacionais, assim como progressivo posicionamento vertical e autoritário no desempenho dos papéis nas práticas comunicacionais. Ressaltamos que, a incapacidade contribui para a formação ou ampliação de muros ideológicos, os quais indicam modos de opressão social.

Considerando o âmbito subjetivo, a incapacidade para ouvir o outro constitui-se como um entrave específico para o desenvolvimento do diálogo, pois escutar com a devida cerimônia exige atribuir ao momento dessa prática a necessária atenção,



respeito e sensibilidade. No âmbito objetivo, não conseguimos atingir uma linguagem comum, por isso nos acostumamos ao monólogo, que caracteriza nossa civilização atual, pois por mais que existam diversos códigos linguísticos e meios de comunicação, tem ocorrido um progressivo esvaziamento do sentido dirigido à busca pelo entendimento mútuo (GADAMER, 2011, pp. 250- 251).

Diante disso, a incapacidade é um campo propício à manifestação da intolerância étnica, linguística, religiosa etc., que se caracteriza pela negação do direito do outro, de sua existência identitária; portanto, envolve a compreensão do outro como sujeito passivo. Essa percepção equivocada dirigida ao outro reproduz e desencadeia posturas antidialógicas, discussão que podemos encontrar nas teses de Paulo Freire, nos escritos *Pedagogia do Oprimido* (1974) e *Pedagogia da Pergunta* (1985). Tais teses encontram sentido de convergência na abordagem gadameriana, pois demonstram que a opressão está na base das relações socioeconômicas e comunicacionais, em situações de domínio ideológico, nas quais há inibição do outro, negação de sua identidade e exclusão das falas.

73 Como aborda Gadamer, essa incapacidade tem atingindo os espaços mais particulares em que se dão os relacionamentos, como “à mesa”, no familiar (GADAMER, 2011, p. 251). Também a manifestação desse problema comunicacional é notória nos ambientes pedagógicos, quando as práticas educativas se mostram fundadas na reprodução do conhecimento e consequente centralidade no ensino, em detrimento aos processos de aprendizagem movidos pelas interações entre os sujeitos envolvidos nos contextos de aprendizagem.

No que diz respeito a essa realidade o filósofo expõe: “A incapacidade para o diálogo dá-se principalmente por parte do professor, e sendo o professor o autêntico transmissor da ciência, essa incapacidade radica-se na estrutura de monólogo da ciência moderna e da formação teórica” (GADAMER, 2011, p. 248). Tal leitura sobre as práticas dos professores é salutar, pois se aplica para a compreensão dos impactos de atitudes verticalizadas nas relações humanas, quando o outro é considerado como um objeto, entendido como um receptáculo do conhecimento.

Amplamente a incapacidade, em voga nesse debate, se apresenta em distintos espaços sociais, sem isonomias. Assim, em decorrência da ausência da comunicação fluida pode se dar uma ruptura entre as ligas sensoriais que promovem a aproximação com o outro, condição que vem precipitando dissensões entre indivíduos e grupos sociais, o que evidencia implicações nas relações interpessoais. Para além disso, a ausência da participação do outro, no caminho do entendimento mútuo, em qualquer que seja o espaço de convívio social, é sintoma da nossa hostilidade aplicada à opinião do outro.



Não é sem razão que são comuns posturas acríticas nas justificativas para o fechamento para o diálogo. É usual serem apresentadas argumentações que deslocam o insucesso da abertura para o outro. A razão disso é entendida como resultado da negação da implicação do sujeito como agente do processo, uma vez que “a incapacidade do outro é sempre também a própria incapacidade” (GADAMER, 2011, p. 259). Perante esse argumento, o não reconhecimento de si é o ponto crucial para que se dê a incapacidade para o diálogo; é a força motriz, o fundamento principal que alicerça o entrave.

De fato, ouvir e falar, na cadência necessária de tempo para ser compreendido, assim como mover-se para compreender o outro, não têm sido práticas recorrentes nos relacionamentos comunicacionais. “A incapacidade para ouvir é um fenômeno tão conhecido que não é preciso imaginar outros indivíduos que possuíssem essa incapacidade em grau especial” (GADAMER, 2011, p. 251).

74 Junto a incapacidade para o diálogo, é crescente a manifestação do isolamento social. Por detrás deste segundo fenômeno, está a autoalienação, expressão que designa uma doença da sociedade; deve ser entendido como “uma experiência de perda”, “é algo que sofre” (GADAMER, 2001, p. 100), que afeta a vida em âmagos pessoais, subjetivos, reverberando no entendimento da importância e efetivação de relacionamentos, questão que envolve os âmbitos cognitivo e afetivo.

O enfrentamento das forças contrárias à efetividade do diálogo exige que se façam esforços para o fortalecimento dos vínculos sociais, processo que deve ser iniciado pela percepção de si mesmo e, progressivamente, na cadência do encontro, demandam que se façam presentes a valorização da identidade e a cultura do outro, assim como compromisso com as etapas que se apresentam no processo, em contextos situacionais.

Não obstante, “toda a interrupção desse diálogo guarda, por sua vez, uma referência interna à retomada do diálogo” (GADAMER, 2011, p. 181). Então, é possível reconduzir as práticas comunicacionais obstruídas pela incapacidade de dialogar, no jogo da linguagem?

### 3 O DIÁLOGO COMO UMA FORÇA TRANSFORMADORA

A força transformadora que qualifica o diálogo tem seus lastros de sustentação na filosofia dos antigos gregos. A hermenêutica gadameriana buscou recuperar os sentidos da sabedoria humana aportando-se, principalmente, nos discursos de Sócrates expostos por Platão, pois: “dentre todos os filósofos e obras que



contribuíram para a elaboração da filosofia de Gadamer, foi Platão, sem dúvida, de quem ele mais aprendeu, aprendeu e desenvolveu a arte de filosofar, denominando-se de platônico” (RODHEN, 2009, p. 62). Esse comentador também expõe a influência de Aristóteles a respeito da filosofia de Gadamer, no sentido da recepção de “uma visão fundamental acerca do que significa, em geral, o pensar e o conhecer para o homem na vida prática, embora trabalhando com métodos científicos; similar à ciência prática nos moldes da ética e da política de Aristóteles” (RODHEN, 2009, p. 63).

Para Gadamer: “O diálogo platônico e a conversação do Sócrates constituem um modelo inamissível dessa arte de romper conceitos que se tornaram rígidos” (GADAMER, 2011, p. 111), exemplificado pelo paradigma tradicional da ciência, em detrimento da valorização da experiência. Ainda, para este hermeneuta: “Platão foi o primeiro a perceber o conceito de força, estrutura reflexiva da *dynamis*, tornando possível a sua transposição à essência da alma. Segundo sua essência ontológica, a força é ‘interioridade’” (GADAMER, 2015, p. 280). Também, a abordagem hermenêutica gadameriana se utiliza das seguintes categorias aristotélicas: *dynamis* e de *energeia* (RODHEN, 2009, p. 61), as quais são fundantes para a compreensão do conceito “força transformadora”.

75

A *dynamis* refere-se a força do fazer, resistir, sofrer e saber, de acordo com a leitura de Heidegger sobre Aristóteles (SANTOS, 2018, p. 43) e admitida na hermenêutica gadameriana, como “potência da alma” (GADAMER, 2015, p. 280). *Energeia* significa ato, realidade; expressa força, algo que atua, que transforma, que movimenta; tem sentido de plena potência, pois Aristóteles considera o ser da perspectiva de sua realização plena” (VALLE, 2013, p. 265).

Acrescentamos, esta perspectiva teórica admite a reabilitação da *phronêsis* aristotélica, isto é, da virtude da prudência em relação ao mundo e com as pessoas, desenvolvida mediante o diálogo. A *phronêsis* é uma *práxis*, em Gadamer, e pode ser compreendida como uma força produtora de um saber do campo da ética, que orienta o sujeito no desenvolvimento de virtudes e desempenho de condutas, principiadas pelo saber prático. Para Testa (2021, p. 154): “O saber ético da *phronêsis* oferece uma orientação ao agente moral em sua ação (*práxis*), isto é, em sua reação diante das mais diversas situações de atuação”.

Este importante hermeneuta trata da abertura para o diálogo, com base na retomada do conceito do *Dasein* de Heidegger, que diz respeito à projeção do ente humano como ser-aí no mundo, que se faz partícipe da história (HEIDEGGER, 2009, p. 48). Nesse movimento: “O sentido do mundo é a abertura onde o ente mundano se encontra disposto à projeção. O sentido vem ao encontro possibilitando-lhe encontrar-se” (ALMEIDA, 2000, p. 244).



Com originalidade, a hermenêutica gadameriana considera o diálogo na relação intrínseca com a linguagem, uma vez que: “A linguagem é o meio em que se realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão” (GADAMER, 2015, p. 497). Diante dessa perspectiva, dialogar exige escuta, valorização da voz do outro, compreensão mútua no campo da negociação, condições basilares para que se efetivem transformações intersubjetivas, sem desprestigiar a autenticidade e a autonomia do pensamento do outro, para que firmem o acordo.

A abordagem de Gadamer revela abrangência e profundidade do significado do diálogo, relacionando-o ao desenvolvimento da capacidade de raciocinar, falar e ouvir. O raciocínio está ligado a reflexão e construção de saberes. A fala é uma capacidade, uma condição para a existência do diálogo, junto a necessidade de desenvolvimento da escuta sensível, mediante o uso da racionalidade, pois “o homem pode comunicar tudo o que pensa” (GADAMER, 2011, p. 173).

76 A aproximação e o desenvolvimento da comunicação humana se fazem de forma dinâmica, similarmente ao jogo, este que é um modelo estruturante da hermenêutica gadameriana, pois apresenta o “modo de ser do jogo como tal” (GADAMER, 2015, p. 155), perspectiva que recepciona a ideia de jogo de Huizinga que “procurou descobrir o jogo em toda a cultura, elaborando sobretudo a correlação dos jogos infantil e animal com os jogos ‘sagrados’ do culto” (GADAMER, 2015, p. 157). Neste sentido, a compreensão do jogo não corresponde à competitividade; diz respeito ação lúdica que se dá dentro da atividade no sentido medial; é entendida como “dança” (GADAMER, 2015, p. 109) e, sendo assim: “sempre está implícito o vaivém de um movimento que não se fixa em nenhum alvo, onde determine [...] O jogo é a realização do movimento como tal” (GADAMER, 2015, pp. 109-110). A vitalidade dessa atividade lúdica “renova-se em constante repetição” (2015, p. 155).

Como vemos, o filósofo ressalta a dinâmica dessa atividade em si e, com base nessa centralidade, os jogadores precisam desenvolver as evoluções que lhes são cabíveis, no aberto, de modo a engajar-se na produção de sentidos para ação. Deste modo, o sujeito do jogo não é o jogador, mas o próprio jogo. O jogador deve desenvolver a experiência dentro das regras que lhe são propostas.

Diante do transcurso, com o desenvolvimento das tarefas do jogo, os partícipes perfazem uma autorrepresentação do próprio jogo, que também possibilita a autorrepresentação de cada sujeito. Então, é o “jogo que atrai o jogador para a sua esfera, preenchendo-o com o seu espírito. O jogador experimenta o jogo como uma realidade que o sobrepuja” (GADAMER, 2015, pp. 114-115).



Em revelação de plenitude, o jogo humano pode transformar-se em arte, quando atinge sua verdadeira consumação, processo que Gadamer denomina de “transformação em configuração”. Nessa nova forma de se representar o jogo desvela o próprio caráter da obra, do *ergon* e não somente da *energeia*. Assim sendo, “o jogo (espetáculo) possui uma autonomia absoluta, e é justamente o que deve assinalar o conceito de transformação” (GADAMER, 2015, p. 116), de modo a ressaltar “a experiência da arte e o modo do ser da experiência da arte” (GADAMER, 2015, p. 155). Seria essa configuração do jogo em arte, própria da relação de pertencimento e aderência da arte na vida, com valoração do processo de criação.

A transformação difere de modificação, pois “aquilo que se modifica permanece e continua sendo o mesmo” (GADAMER, 2015, p. 166). “A transformação é na verdade a transformação no verdadeiro” (GADAMER, 2015, p. 167), como uma potência do campo da linguagem, capaz de produzir uma espécie de metamorfose nas relações entre eu-tu-mundo, que se dão em função do sentido e valor do jogo, por isso: “Para a linguagem, é óbvio que o verdadeiro sujeito do jogo não é a subjetividade daquele que entre outras atividades também joga, mas o próprio jogo” (GADAMER, 2015, p. 157).

77 Ante a possibilidade de transformação, os sujeitos envolvidos no jogo do diálogo buscam a construção de sentidos comuns, sendo lançados às negociações, reconhecendo as possibilidades e riscos inerentes a cada jogada. De certo, o jogo do diálogo fará sentido para os participantes até quando houver teor lúdico, que se mostra pelo desejo das partes em continuar o processo em direção à idealidade: a fusão de horizontes (GADAMER, 2015, p. 116). Quando desaparece o desejo, se desfaz o sentido de implicação ao jogo, precipitando a desconfiguração de todo o processo, embora seja passível a existência de marcas nos sujeitos, que evidenciam a tentativa de desenvolvimento da conversação franca.

De modo afirmativo, na medida em que há envolvimento afetivo e cognitivo entre os parceiros, na dinâmica do jogo, pode se dar o alcance do entendimento. Manter o jogo se constitui em um desafio possível de ser enfrentado, inclusive a própria dinâmica do jogo contribui para que os jogadores permaneçam interessados em fazer parte dele.

Para a obtenção do êxito do diálogo, devem ser admitidas as preconcepções, as quais servem como guias para a compreensão. Todavia, precisam passar pelo filtro da “consciência formada hermeneuticamente, que terá de incluir a consciência histórica” (GADAMER, 2015, p. 395). Pela valorização e crivo empregados no trato desse conteúdo, se torna viável a aproximação entre culturas e perspectivas diferentes, com efeito favorável na sequência da pauta em questão.



No decurso, as perguntas devem ser apresentadas pelos sujeitos envolvidos, considerando a dinamicidade própria da linguagem, dentro do movimento dialético. Pois bem, perguntar quer dizer colocar o diálogo no aberto, sem que haja a presunção de se obter uma resposta fixa, de maneira a desenvolver falas e absorver respostas que muitas vezes não são previsíveis. Contudo, os partícipes do jogo do diálogo precisam equilibrar suas perspectivas e movimentar-se para continuar desenvolvendo as rodadas, conforme a trilha do jogo, sem receios daquilo que coloca adiante como um desafio a ser enfrentado. O desempenho dos integrantes na atividade comunicacional se dá mediante a apresentação da abertura durante a evolução do encontro, pois para Gadamer:

[...] Abertura daquilo sobre o que se pergunta consiste no fato de não possuir uma resposta fixa. Aquilo que se interroga deve permanecer em suspenso na espera da sentença que fixa e decide. O sentido do perguntar consiste em colocar em aberto aquilo sobre o que se pergunta, em sua questionabilidade. Ele tem de ser colocado em suspenso de maneira que se equilibrem o pró e o contra. O sentido de qualquer pergunta só se realiza na passagem por essa suspensão, onde se converte em uma pergunta aberta [...]. (GADAMER, 2015, p. 369)

78

Inclusive, “o modo de ser do jogo não permite que quem jogue se comporte em relação ao jogo como se fosse um objeto” (GADAMER, 2015, p. 155). É dentro do movimento do jogo da linguagem, com base em perguntas condutoras da conversa, que se revela o potencial da força que efetiva transformações intersubjetivas. Essa leitura sobre a eficiência do jogo se justifica pela natureza e vigor que lhe são inerentes e a ação humana desempenha a força colaborativa para ativação do potencial que já é peculiar a essa atividade.

No jogo da linguagem, os jogadores-intérpretes se dispõem a realizar jogadas com as palavras, admitindo os riscos próprios de cada lance comunicacional, assim como as possibilidades. Nesta busca, cada pessoa pode se dirigir ao outro, apresentando suas argumentações, interpretando as argumentações apresentadas, se lançando rumo ao horizonte.

As transformações apontam para a valorização das identidades e crescimento dos sujeitos nas relações interpessoais. No decurso do jogo, a busca da autocompreensão deve ser um ponto de partida, condição para o estabelecimento da compreensão mútua, em função da firmamento de acordos e mediados pela linguagem e no diálogo. Por isso, o diálogo consigo mesmo é um prelúdio daquilo que se pode fazer com o outro e serve como um alicerce para construção de relações fluidas, que se firmem pelas vigas da valorização de cada identidade e saberes, conteúdos que devem ser expressos nas práticas



comunicacionais, isto porque “cada um de nós tem sua própria linguagem” (GADAMER, 2011, p. 56).

As tensões podem fazer parte do caminho de entendimento, são próprias do movimento do jogo, todavia é preciso superá-las, mesmo diante do risco de bloqueio que as vias comunicacionais possam vir a sofrer. Os acordos são construções originadas das tentativas de entendimento, que não subtraem as tensões, todavia não prescindem da necessidade de consenso. Embora, haja a possibilidade de confrontos tensionais, o que está em jogo são as tentativas de acordo entre as partes interessadas. Neste sentido, a abertura e o processo de compreensão são formativos e podem resultar em novas posturas em direção à comunicação fluída.

Uma vez abertos os canais comunicacionais, há uma trilha a ser seguida, no campo do impresumível. O êxito desse processo gera transformações intersubjetiva, tanto que deixa marcas nos sujeitos, os quais embora tenham a identidade preservada já não são mais os mesmos, porque se permitiram crescer com o outro, no sentido da humanização. Assim, esse resultado promove e é favorecido pelas atitudes apresentadas no jogo, as quais precisam estar fundadas em valores éticos. Apenas desse modo há condições de garantias de um equilíbrio no desempenho dos papéis. Com isso, a credibilidade dada ao outro revela princípios da própria credibilidade daquele que se permite caminhar em parceria, em rota de desenvolvimento, sem que haja pressões e sim compreensão dos ritos exigidos pelo jogo.

A perspectiva de Habermas é contributiva para a compreensão do fortalecimento das relações intersubjetivas, por meio do diálogo. Um dos pontos dessa abordagem que destacamos, diz respeito ao entendimento mútuo enquanto mecanismo de coordenações de ações (HABERMAS, 1989, p. 165): “[...] Os atos do entendimento mútuo, que vinculam os planos de ação de diferentes participantes e reúnem as ações dirigidas para objetivos numa conexão interativa, não precisam de sua parte ser reduzidos ao agir teleológico”.

Assim, o acordo não pode ser uma imposição sobre o outro, antes deve ser guiado pela busca de uma conexão intersubjetiva, que pode ser alcançada mediante consideração das perspectivas dos participantes, os quais seguem em parceria para o desenvolvimento do agir comunicativo, compreendido por este filósofo como:

Processo circular, no qual o autor é as duas coisas ao mesmo tempo: ele é o iniciador que domina as situações por meio de ações imputáveis; ao mesmo tempo ele também é produto das tradições, nas quais se encontra, dos grupos solidários aos



quais pertence e aos processos de socialização nos quais se cria. (HABERMAS, 1989, p. 166)

São conhecidas as críticas de Habermas a respeito da abordagem gadameriana, quanto à preponderante valorização da tradição e experiência, conteúdos destinados ao êxito das relações comunicacionais, no diálogo. Além disso, a coerção seria um dos pontos não tensionados por Gadamer, na discussão dos elementos que podem compor o caminho da compreensão mútua. Para Anjos (2008, p. 286): “Habermas assevera que na perspectiva de uma hermenêutica profunda o consenso alcançado por meios aparentemente ‘racionais’ pode muito bem ser o resultado de uma pseudocomunicação”. Corroborando com essa discussão, Ribeiro afirma:

Para Habermas, a ênfase hermenêutica na historicidade da experiência, isto é, na dependência a contextos de toda compreensão, impede: a) identificar os casos onde são as próprias categorias herdadas historicamente pela tradição que são produtoras de distorções da comunicação; b) reconstruir critérios normativos para o estabelecimento de possíveis consensos futuros livres de coerção, sem imediatamente reconduzir tais critérios a um contexto da tradição. (RIBEIRO, 2022, p. 411)

80

Ponderamos que, a perspectiva gadameriana não subtrai o conflito, antes o apresenta como algo relacionado às tentativas de entendimento, como ensaios dirigidos à compreensão do outro, pertencentes ao rito da comunicação. As argumentações e contra-argumentações são relevantes e cabíveis no campo da negociação, sinalizando que os parceiros estão expondo seus saberes sobre determinada pauta em discussão. Segundo este filósofo:

[...] Justamente o fortalecimento do outro contra mim mesmo descortina para mim pela primeira vez a possibilidade propriamente dita da compreensão. Deixar o outro viger contra si mesmo – e foi a partir daí que surgiram todos os meus trabalhos hermenêuticos – não significa apenas reconhecer em princípio o caráter limitado do próprio projeto, mas exigir precisamente que alcancemos um âmbito para além das próprias possibilidades no interior do processo dialógico, comunicativo, hermenêutico. (GADAMER, 2007, pp. 23-24)

Essa postura de busca pelo consenso exigirá dos partícipes do jogo, em alguma medida, abrir mão de preferências e interesses. Pois: “nós queremos encontrar em um acordo com o outro, encontrar concordância nele ou menos uma inserção no que foi dito, mesmo que se tente nos contradizer ou de apresentar uma resistência” (GADAMER, 2012, pp. 78-79).



Todavia, nesse processo, não deve haver espaço para a nulidade da identidade, saberes e perspectivas.

Decerto, as concordâncias advêm de pontos passíveis de serem negociados, o que não exclui a presença de divergências e mesmo de resistências, as quais, por sua vez, devem ser provisórias, temporalizadas pelo rubor das negociações. Nesse caminho, se extrai sentidos e interpretações das palavras ditas, mas também um universo de outras significações que expõem crenças, culturas, histórias.

Chegamos, desse modo, a vislumbrar os resultados do encontro, em função da fusão de horizontes, entendida como “genuíno desempenho e produção da linguagem” (GADAMER, 2015, p. 383). O resultado do acordo, como entendimento comum, “não é um mero confronto e imposição do ponto de vista pessoal, mas uma transformação que converte naquilo que é comum, na qual já não é mais o que se era” (GADAMER, 2015, p. 493).

É condição imprescindível para a efetivação do êxito desse encontro, que haja esforços em direção à escuta atenciosa, a qual se constitui como um fio condutor específico que conduz ao lugar e para os sentidos da fala. Como uma força específica, intrínseca ao diálogo, a escuta envolve entrega mútua dos participantes, pois: “A pertença mútua significa sempre e ao mesmo tempo poder ouvir uns aos outros” (GADAMER, 2015, p. 472). Segundo Rodhen (2021, p. 260): “[...] A relação entre os pressupostos é de fusão de horizontes, de parceria, de respeito, de solidariedade em face do jogo dialógico”. No caminho podem ser desenvolvidas relações vinculares, consoante o interesse e envolvimento dos parceiros dessa prática comunicacional.

Com base no exposto, o diálogo se constitui como fio condutor de entrelaçamento de interesses, perspectiva importante para firmação de elos sociais fortes e duradouros entre os sujeitos. Age na produção de transformações intersubjetivas, sem desprestigiar as identidades e saberes. Mas, como entender a efetividade dessa força para redimensionar a relação eu-tu-mundo?

#### **4 NOVAS PERSPECTIVAS, O MESMO FIO CONDUTOR E CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS**

Novas perspectivas podem ser delineadas, no sentido do redimensionamento das relações eu-tu-mundo, com base na efetividade da força que qualifica o diálogo, fio condutor que deve estabelecer o entendimento mútuo, reiteramos. Neste sentido, destacamos os impactos da efetividade do diálogo nas relações humanas e no cuidado



com a vida planetária, uma vez que: “no outro e no diverso pode-se realizar uma espécie de encontro consigo mesmo” (GADAMER, 2007, p. 25).

No campo das relações humanas, a partir do alcance da efetividade do diálogo, pode se dar o estreitamento e a reconstrução de vínculos comunicacionais, imprescindíveis para firmamento dos laços afetivos de amizade e solidariedade, como uma consequência da aproximação entre os parceiros. Então, na tessitura das relações humanas, sempre que o verdadeiro diálogo prevalecer, teremos redes comunicacionais mais firmes e duradouras, resultantes da própria autonomia do jogo, atividade lúdica que requer implicação dos sujeitos com vistas à culminância, em uma rota de comunhão entre as partes interessadas, retirando dessa trilha o sentido da competitividade e admitindo elos solidários.

Na produção da compreensão, o acordo é entendido como “uma transformação rumo ao comum, de onde já não se continua sendo o que se era” (GADAMER, 2011, p. 458). No campo de negociação, a efetividade do diálogo “transforma a ambos. O êxito de um diálogo dá-se quando já não se pode recair no dissenso que lhe deu origem” (GADAMER, 2011, p. 221).

O diálogo se constitui, então, como um mecanismo estratégico que dá vitalidade à busca de rotas alternativas para enfrentamento de problemas e fortalecimento de vínculos na relação eu-tu. Assim, pode ser entendido como uma forma de remanescência ontológica, um encontro com as nossas raízes vocacionais de amizade e solidariedade, que pode revelar a exuberância da ética, da vida, na pulsão das relações entre as pessoas de maneira fluída e mobilizadora do aprender a viver no *oikoumene*, uma expressão grega que significa mundo habitado, casa, o lugar onde se habita (GADAMER, 2001, p. 1; 97).

Sobre os impactos na relação eu-tu-mundo, mais especificamente refletindo sobre a questão dos cuidados que podem ser empreendidos para a vida planetária, o diálogo autêntico pode produzir caminhos alternativos frente aos problemas que se evidenciam no nosso cotidiano, como o relativo à preservação do meio ambiente.

Aderentes à ideia de que o diálogo é vital à construção de acordos, podemos conjecturar saídas para a crise ambiental, planetária, que signifiquem respeitabilidade, valorização à vida de todos os seres. Sobre essa questão o filósofo assevera: os homens precisam “aprender a conviver mutuamente e, assim, talvez adiar a auto-aniquilação ou mesmo evitá-la por meio de uma constituição mundial capaz de ser controlada” (GADAMER, 2001, p. 72). Para Rodhen (2021, p. 271): “esse modelo de jogo contribui para a construção de um mundo habitável, solidário, em que nos sentimos em casa, em que não reina a violência nem a destruição da natureza”.



Conforme as argumentações expostas, o êxito do diálogo contribui para o redimensionamento da relação eu-tu-mundo. Portanto, dialogar, em Gadamer, se confirma como uma força transformadora original e autêntica, uma potência do campo da linguagem, capaz de mobilizar parceiros, rumo ao entendimento mútuo.



## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Pedro Germano. A filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e as escolhas orçamentárias de políticas públicas. *Prismas: Dir., Pol. Publ. e Mundial.*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 265-303, jul./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.5102/prismas.v6i2.846>.
- ALMEIDA, Custódio Luiz S. *Hermenêutica e Dialética: Dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. Coleção filosofia 135. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GADAMER, Hans-Georg. *Elogio da Teoria*. Traduzido por João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2001.
- GADAMER, Hans-Georg. *A razão na época da ciência*. Tradução de Ângela Dias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em Retrospectiva: Hermenêutica e Filosofia Prática*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 15. ed. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II: complementos e índice*. 6. ed. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 4ª ed, 2009.
- RIBEIRO, Felipe. Hermenêutica, Crítica Da Ideologia e Reconstrução: Sobre as Críticas de Habermas a Gadamer. *Kínesis*, Vol. XII, nº 31, julho 2020, p. 409-443. DOI: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2020.v12n31.p409-443c>.
- RODHEN, Luiz. Pressuposto ético da alteridade na hermenêutica filosófica à luz do sofista de Platão. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 44, n. 3, p. 257-276, Jul./Set., 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.21.p257>.
- RODHEN, Luiz. Gadamer. ROSSANO, P. *Os Filósofos Clássicos da História: De Ortega y Gasset a Vattimo*. Volume 3; 2ª edição; editora Vozes, 2009.
- RODHEN, Luiz. O Outro Também Pode Ter Razão – Para Além de Ele Ter Apenas seus Direitos Reconhecidos. *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 148, abr./2021, p. 259-276. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/kriterion/article/view/34508/27296>. Acesso em: 20 de junho de 2022.
- SANTOS, Manuela. Aristóteles e a questão da dynamis - desde a ótica de Martin Heidegger. *PERIAGOGE - UCB -V. 1, N. 1, 2018, p. 40-60*. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/periagoge/article/view/8918>. Acesso em: 20 de junho de 2022.
- TESTA, Edimarcio. A Phronesis como forma de hermenêutica. *Griot: Revista de Filosofia, Amargosa - BA, v.21 n.2, p.148-160, junho, 2021*. DOI: <https://doi.org/10.31977/grif.v21i2.2289>.
- VALLE, LÍlian de Aragão B. do. Aristóteles e a práxis: uma filosofia do movimento. *Educação* (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 2, p. 263-277, maio-ago. 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2014.2.15563>.

